

UM SOFÁ PARA LER...

Joice Lambert

Emília Watanabe

Professoras de

Português da Rede

Municipal

Olhamos para ele: não muito grosso, nem muito grande. Na frente, sobre fundo branco emoldurado por um traço preto, um sofá amarelo estampado de flores, sobre o qual está um gato. Ou uma gata. Há ainda uma cortina leve e transparente, um espelho redondo e um tapete. E nome, claro! É "O SOFÁ ESTAMPADO", de Lygia Bojunga Nunes. Você o conhece?

Nós o conhecemos. E percebemos, logo de início, que difícil seria deixá-lo depois das primeiras palavras. Simples, diretas, claras, "visíveis". Palavras que fazem amigos de imediato. E sem uma estrutura poética formal, encontra-se a poesia. E mais uma vez reforça-se aquela impressão de "sentir-se bem", de sentir a beleza do que é natural. E a vontade de continuar a ler! Porque

além disso há a surpresa. Se a "gente" para e pensa no que vem depois, acaba descobrindo, ao continuar, que não é bem como se pensou. Mas é surpresa boa, gostosa, que súrpreende você numa expressão de quem vai sorrir. E você fica conhecendo a Dalva, o Vítor, a Dona-da-casa.

Quem é a Dalva? Apostamos que você já descobriu: é a gata, uma gata angorã. O Vítor é o namorado da Dalva. Um gato sem raça. Foi isso que você pensou? (Uma aluna da 5a. série disse: "Ah! é um gato, lógico!" - por que "lógico"?) Mas o Vítor não é um gato. O Vítor é um tatu. (Nós nos surpreendemos).

Assim é "O SOFÁ ESTAMPADO". Uma obra literãria que foge ao convencional, às respostas comuns a situações conhecidas. E isso no plano ideologico, vocabular, sintático, estilístico,...

Bem, é original. É uma graça!

" E é. O sofá estampado "é" uma graça. Gorducho. Braço redondo. Fazenda bem esticada. Mais pra baixo que pra alto. Mas o melhor de tudo - longe, nem se discute - é o estampado que ele tem: amarelo bem clarinho, todo salpicado de flor, ora é violeta, ora é margarida, e lá uma vez que outra também tem um monsenhor." (página 10)

Talvez sô esse parágrafo seja pouco para demonstrar e sugerir tudo que a obra nos faz - e fez - sentir. Acreditamos, no entanto, que a sua sensibilidade se "tocou" - como a nossa - com a poesia das palavras, com a simplicidade das estruturas, com o grifo significativo do "ê" no segundo período. Esse é mesmo um livro para crianças. Crianças pequenas e crianças grandes. (Porque nada mais somos que crianças grandes)

A história é a seguinte: o Vítor se apaixonou pela Dalva assim que a viu. Ele acabara de chegar ao Rio, para onde fora para conhecer o mar. Sô que não conseguiu chegar à praia porque no caminho encontrou a Dalva e se apaixonou por ela. Ela estava sendo fotografada durante a entrega da medalha que recebera como "Telespectadora mais assídua". Disse-lhe alguém: "Faz tempo que ela vê 12 horas de tevê por dia: ganhou." (pág. 84) A Dalva é levada embora mas deixa cair a medalha bem na cabeça do Vítor; desse modo ele poderá reencontrá-la. E pensa em declarar-se. Mas, na casa de Dalva, a chance não aparece e ele fica pensando em como encontrá-la outra vez. Marca encontro, ela não vai; manda carta, telegrama, telefona, escreve poesia, mas nada disso dá certo. Então ele descobre que a única forma de conseguir

a atenção da Dalva é através da televisão. E ele "acabou bolando um anúncio:

Aparecia numa linda cozinha, lavando uma louça linda assobiando uma música linda. Palavra, enxugava a pata no avental e falava assim: "Andaram dizendo por aí que lavar louça é serviço de mulher. Mas em casa de tatu a coisa é diferente: eu lavo louça todo dia e acho legal. É claro que eu não ia achar se tivesse que lavar prato com outro sabão. Mas com esse?" Pegou a caixa, se abraçou com ela e falou assim bem pra frente, sabendo que a Dalva ia estar de olho nele: "Eu sou vidrado em você!" (páginas 92/93)

Com essa idéia, Vítor vai a uma agência de publicidade, uma tal Agência Z. Através da agência, cuja dona é Dona Popô (imaginem que é ela!), ele começa a estrelar comerciais para a TV e faz muito sucesso. Então ele telefona para a Dalva, que dessa vez o atende entusiasmada. E pelo telefone mesmo, ele diz que quer namorá-la. Ela simplesmente lhe diz: "tã". Ele passa a frequentar a casa dela como namorado. Depois disso, o Vítor é explorado pela TV aparecendo em tudo quanto é anúncio, até que sua imagem cansa, é "queimada" e não mais o querem. Aí a Dalva também se cansa dele e o manda embora. Triste e desiludido, o Vítor resolve voltar para a floresta, para sua casa.

Se a história está toda aqui, para que ler o livro? Bem, exatamente porque a história não está toda aqui. O essencial desse texto está na vida do Vítor, na apresentação de sua personalidade, na sua forma de ser e de viver. E aí é que você, leitor, poderá se apaixonar - como aconteceu conosco - pelo Vítor e pela obra. Ana Maria Machado já disse: "Leia e resista se for capaz."

Vítor falava baixinho, vivia se engasgando ("...; o Vítor já nasceu assim mesmo: com um talento danado pra se engasgar." pág. 31). E toda vez que ficava nervoso, sentia uma vontade incontrolável de cavar. E cavava, cavava, fazendo túneis em que se afundava. São esses os grandes problemas do Vítor: engasgar e ter que cavar.

O engasgo do Vítor sempre aparece quando ele se vê diante de uma situação que o incomoda, que o amedronta. E ele começa a tossir, não consegue falar, as palavras se atropelam, acontece um engarrafamento na garganta e a situação vai se agravando. É então que surge a vontade de cavar. E ele cava tanto mais depressa quanto maior for sua aflição, sua vontade de fugir do problema. A tosse pára quando ele se vê dentro do buraco, livre e longe do que lhe causou o engasgo.

O grande sonho do Vítor é livrar-se do engasgo. Os pais tentam resolver o problema levando-o

a vários médicos, mas nada adianta. Basta ele ter que conversar com alguém que o engasgo aparece. No entanto, acontece algo diferente quando Vítor conhece sua avô. Quando ela está para chegar, ele fica preocupado com a impressão que seu engasgo irá produzir. Sai para a floresta e fica muito tempo a andar, adiando o encontro. Mas ele tem que voltar e, antes de ver a avô, ele vê a mala da Vó. (A mala e a Vó nunca se separavam.) O Vítor percebe que a mala é exatamente como ele a tinha imaginado;" quem sabe a Vó também ia ser?" (pág. 51) E realmente há uma identificação imediata entre o Vítor e a Vó. Os dois conversam muito e com ela o Vítor não se sente inibido. Ele podia falar "baixinho toda a vida, e não é que a Vó sempre escutava?" (pág. 52) Os ideais de um correspondem aos anseios do outro.

A avô do Vítor era incansável. Viva viajando e trabalhando. Ela e a sua mala. Certa vez o Vítor perguntou-lhe: " - Vó, quando você faz essas viagens compridas, o quê que você vê mais: floresta ou mar?" e a resposta da Vó foi: " - O que eu vejo mais é gente pobre e bicho perseguido, é isso que eu vejo mais". (pág. 53) E quando o Vítor perguntou se ela nunca ia deixar de viajar, ela respondeu: " - No dia que eu morrer." " -E de trabalhar? Você não vai parar?" " - Vou, sim: no dia que eu largar de viajar." (pág. 57/58)

E tanto mais há nessa história que nos parece impossível resumir. Cada página traz um conteúdo indispensável e, porisso mesmo, "irresumível". E, temos certeza, você vai querer descobrir tudo o mais que Lygia Bojunga Nunes criou.

Além disso, a obra é toda ilustrada, Isto é, cada página é ilustrada. E não é aquela ilustração convencional, referencial (aliás, tudo no livro foge ao convencional, sem deixar de ser simples). Talvez baste dizer que a ilustração e a diagramação da obra foi feita por Elvira Vigna, escritora e ilustradora de livros para crianças. No último Seminário Latino-Americano de Literatura Infanto-Juvenil, ocorrido em São Paulo, em agosto deste ano, na comunicação que fez, Elvira disse que, ao ilustrar uma história, ela cria uma nova história, em outra obra. E isso é perfeitamente visível n'O SOFÁ ESTAMPADO. A ilustração é original, diferente para cada página, dando idéia de movimento e evolução dos acontecimentos, e permitindo ao leitor "criar" e dar asas à sua imaginação. Não sabemos como explicar isso. É preciso que você veja.

Descobrir Lygia Bojunga Nunes é não deixá-la mais. Seu nome é uma recomendação. Seus livros foram todos premiados no ano de sua publicação, e

quem já os leu, sabe perfeitamente o quanto foi justa essa premiação. Se você já a conhece, há de compreender nosso entusiasmo!

Setembro/1982.